

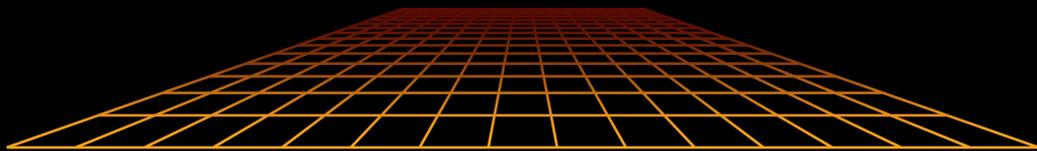
PRÊMIO ZÉ RENATO e SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO
apresentam

de DAWN KING

FOX FINDER

CAÇA

com CAROLINA FABRI CAROL VIDOTTI EDUARDO MOSSRI ERNANI SANCHEZ DIREÇÃO WALLYSON MOTA



Eles te ensinaram a acreditar em um monte de mentiras e usam vocês para fazer a manutenção desse dogma. Vocês estão sendo enganados, não vê? Nós temos que descobrir quais são as reais razões para os nossos problemas, do contrário as coisas continuarão ficando cada vez piores!

(Dawn King, trecho de Foxfinder – A Caça)

“Foxfinder - A Caça” é o espetáculo que revelou a dramaturga Dawn King para o teatro britânico. Estreou em 2011 em Londres, no Finborough Theatre. Sua temporada ali foi amplamente elogiada por crítica e público, levando a autora às conquistas do Prêmio de Dramaturgia da Royal National Theatre Foundation em 2013, do Prêmio OFF-West End de dramaturgia mais promissora em 2012, além de ter sido finalista dos Prêmios Susan Smith Blackburn e James Tait Black 2011/2012. A obra finalmente chegou à West End - região da capital inglesa conhecida por suas grandes produções teatrais - em setembro de 2018 numa nova montagem, momento em que pudemos conhecê-la. O texto já ganhou produções na Austrália, Alemanha, Suécia e Estados Unidos, e agora o apresentamos aqui no Brasil.

Trata-se de uma parábola distópica que discute o lugar do medo na dominação de um povo, bem como os caminhos para a instauração do fascismo numa sociedade.

O espetáculo se passa numa fazenda inglesa à beira de uma crise de produção alimentícia e sujeita à rigorosa inspeção oficial. Seus proprietários, o casal de agricultores Samuel e Jude Covey, estão preocupados com a morte recente de seu filho e com a falta de colheitas, e por esses motivos encontram-se sob investigação de William Bloor, um jovem oficial do Estado, designado foxfinder (um Rastreador de Raposas). Para o Estado, a raposa é uma ameaça à civilização humana, com o poder de contaminar as fazendas e a produção de alimentos do país, influenciar o clima, abalar a mente das pessoas e matar suas crianças. A fixação de Bloor para encontrar raposas ali leva o casal e seus vizinhos a se traírem, sendo regidos pelo medo e ficando longe da racionalidade - em variados níveis de culpa e desespero.

O espetáculo é um ataque ao perigo das certezas fundamentalistas. A raposa, aqui, simboliza a busca irracional de bodes expiatórios para explicar os males que assombram um país. Ela carrega em si todo o nosso mal e por isso deve ser eliminada. Os que tiverem contato com ela também têm de ser afastados de suas atividades e do convívio social, perdendo suas propriedades e sendo banidos de seus lugares. A culpa de toda a crise (de trabalho, alimentos e costumes) vivida nesta Inglaterra distópica é atribuída a ela e por isso o Estado criou uma frente - religiosa e armamentista - para seu combate e eliminação. Entretanto, apesar da instauração do medo de uma infestação e dominação pelas raposas, há tempos ninguém mais vê nenhuma delas por aí; não existem mais vestígios e sinais concretos de sua presença. Apenas a propaganda maciça e aterrorizadora de que elas existem, são o nosso inimigo e estão à espreita, prontas para o ataque à nossa civilização. E isso não é pouco.



“FOXFINDER - A CAÇA” é um espetáculo do agora para o agora. Dawn King cria uma outra realidade para a Inglaterra - numa espécie de futuro distópico - para tratar de temas que estão em ebulição hoje entre nós: uma sociedade assolada pelo medo, cujo temor está depositado integralmente no outro (neste caso, nas raposas), bombardeada por uma propaganda estatal aterrorizante sobre os riscos que esse outro apresenta e se protegendo desse perigo através de uma combinação bastante específica entre religiosidade e belicismo. É a instauração de uma realidade paralela para evidenciar o passo-a-passo da construção do imaginário fascista, tal como podemos observar hoje no Ocidente e, muito especificamente, no Brasil.

O choque que tive ao conhecer este texto - que chegou a mim pelas mãos do meu parceiro Leonardo Almeida em 2018 - foi imenso. Estava ali na minha frente uma radiografia poética do que vinha observando diariamente em nosso processo político e mais, em como esse processo ganhava ou traduzia o imaginário das pessoas, se apresentando em suas ações através da violência verbal e física contra o pensamento e os modos de existir divergentes. Esta radiografia revelava a estrutura de dominação colocada sobre nós, sendo possível assim me descolar dela e projetar possibilidades para a sua desconstrução. Haja fôlego!

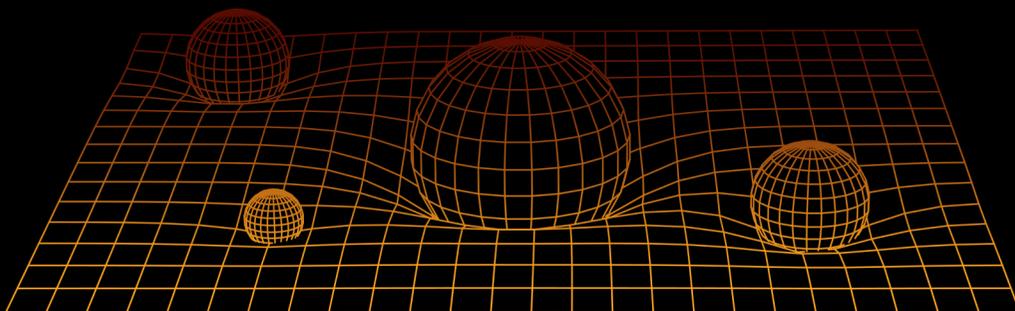
Esta será minha quinta direção. Nas anteriores, discuti o funcionamento de uma sociedade que intui que um processo social trágico está por vir e nada consegue fazer para detê-lo (“Santiago Morto”, 2011), o enclausuramento das pessoas nos grandes centros urbanos após o desenvolvimento das tecnologias celulares (“Sem_Título”, 2014 e “Experimento Sem_Título”, 2021) e a validação dos diversos níveis de violência em ambientes supostamente democráticos (“Onde Vivem os Bárbaros”, 2021). Agora, percebo a necessidade de entendermos como funciona a construção do pensamento fascista numa coletividade, para que possamos desconstruí-lo e nos reorganizarmos, edificando um lugar em que o conflito seja encaminhado pela escuta e entendimento - não pela violência e repressão.

Wallyson Mota

AGRADECIMENTOS

Abel Xavier, Antonio Januzelli, Bento Moro Felipe, BijaRi, Caetano Ribeiro, Carol Leon, Cia Elevador de Teatro Panorâmico, Cooperativa Paulista de Teatro, Emilene Gutierrez, Espaço Elevador, Família Queiroz Telles, Frou Frou Vintage, Gabriela Martins, Gregory Silvar, Jefferson Giorgi, Katia Carvalho, Leandro Oliva, Leonardo Sá, Leticia Leal, Lu Bueno, Luisa Taborda, Marina Vieira, Marcelo Leão, Matheus Monteiro, O Andar, Paula Hemi, Pedro Fabri, Rafael Fernandes, Teatro Sergio Cardoso, Tomás Franco, Valentina Nazarian e Vera Fabri.

Nosso agradecimento especial ao querido Leonardo Almeida, que foi quem tomou contato com esse texto em Londres e sugeriu sua montagem para esta produção.
Sem o seu olhar atento não estaríamos aqui.



FICHA TÉCNICA

TEXTO Dawn King **TRADUÇÃO** Carolina Fabri **DIREÇÃO** Wallyson Mota **ELENCO** Carolina Fabri, Eduardo Mossri, Carol Vidotti e Ernani Sanchez **CENOGRAFIA E VIDEOGRAFISMO** Geandre Tomazoni e Gustavo Goday **FIGURINOS** Marichilene Artisevskis **ILUMINAÇÃO** Matheus Brant **SONORIZAÇÃO E TÉCNICO DE SOM** Pedro Semeghini **ASSISTÊNCIA E TÉCNICO DE LUZ** Guilherme Soares **OPERAÇÃO DE VÍDEO** Taiguara Chagas **CENOTÉCNICO** Fernando Albuquerque **DIREÇÃO DE PALCO** Tiago Moro **ASSISTENTE DE PALCO** Edmo Rocha **ESTÁGIO EM CENOGRAFIA E ADEREÇO** Cinthya Vaz Giorgi **FOTOS E VÍDEOS** Halei Rembrandt **PROJETO GRÁFICO** Alexandre Caetano | Oré Design Studio **ASSESSORIA DE IMPRENSA** Pombo Correio **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Rick Nagash **PRODUÇÃO** Anayan Moretto **IDEALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO** Wallyson Mota e Carolina Fabri

APOIO



CIDADE DE
SÃO PAULO
CULTURA

ESTE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELA 11ª EDIÇÃO DO PRÊMIO ZÉ RENATO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO - SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA